

Camilo Castelo Branco

*Paulo Motta de Oliveira **

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, em 16 de março de 1825. Filho ilegítimo de Manuel Joaquim Botelho e de uma criada deste, Jacinta Rosa do Espírito Santo, perdeu a mãe aos dois anos, e o pai oito anos depois. Foi então enviado, junto com sua irmã, Carolina, para Vila Real, onde passou a viver com sua tia, D. Rita Emília, que depois o autor transformaria em personagem do *Amor de perdição*.

Casou-se, em 1841, com Joaquina Pereira de França, tendo nascido, em 1843, sua filha, Rosa. A primeira viria a falecer em 1847, e a segunda no ano seguinte, o mesmo em que nasceu Bernardina Amélia, filha de Camilo e de Patrícia Emília, com quem o autor vivia maritalmente desde 1846. Essa menina foi educada, de 1853 até o seu casamento em 1865, pela freira Isabel Cândida Vaz Mourão, amante de Camilo na década de 50.

Nesses atribulados anos e nos seguintes se matriculou em vários cursos – na Escola Médica, na Academia Politécnica e mesmo no Seminário Episcopal do Porto – sem nunca chegar a concluir nenhum, e muitas vezes desistindo pouco depois de iniciá-los.

Em 1845 começou a sua carreira literária, passando a ser efetivamente um escritor profissional entre 1848 e 1851. Nesse último período, além de uma multifacetada participação na imprensa, publicou *Anátema* (1851), seu primeiro romance de fôlego. Cinco

* Doutor em Letras pela UNICAMP, Professor de Literatura Portuguesa da USP. Pesquisador do CNPq, com projeto dedicado à literatura portuguesa dos séculos XIX e XX. Tem numerosos ensaios publicados no Brasil e no exterior, além de ser organizador de várias publicações.

anos depois viria a lançar *Onde está a felicidade?*(1856), livro que o consagrara.

Em 1859 Ana Plácido, a jovem esposa do *brasileiro* Pinheiro Alves, abandonou o marido, levando consigo seu filho recém-nascido, para passar a viver com Camilo. No ano seguinte, Alves move-lhes um processo de adultério. Os acusados ficaram presos na Cadeia de Relação do Porto à espera do julgamento até outubro de 1861.

Após terem sido inocentados, o autor começou a produzir em ritmo vertiginoso: publicou, segundo Alexandre Cabral, 16 livros no biênio 1862-3, e outros 30 até 1870. Continuará, ao longo da década de 70, mantendo um grande ritmo de produção (53 títulos entre 1871 e 1880), que foi sensivelmente diminuído na década seguinte (27 títulos). Tendo transformado a escrita em sua única fonte de renda, Camilo produziu continuamente, tendo vendido suas obras para os principais editores do país.

Após a morte de Pinheiro Alves (1863), acabou por se fixar, com Ana Plácido e seus dois filhos (Jorge nascido em 1863 e Nuno em 1864) em São Miguel de Ceide. Em 1885 é agraciado com o título de Visconde de Correia Botelho, pelo qual lutara por mais de quinze anos. Três anos depois casa-se com Ana Plácido. Em 1º de junho de 1890, já praticamente cego, suicida-se com um tiro.

Apesar de nunca ter visitado o Brasil, o país é uma presença sistemática na produção camiliana. A forma mais evidente como aparece é através da figura do *brasileiro*, ou seja, do português que, após ter emigrado para o Brasil, retorna a seu país de origem. É uma figura típica, e algumas de suas mais características concretizações são Hermenegildo Fialho Barrosas, um dos protagonistas de *Os brilhantes do brasileiro* (1869), Bento José Pereira Montalegre, o barão de Rabaçal de *Eusébio Macário* (1879) e *A corja* (1880) e Feliciano Rodrigues Prazins, tio e marido de Marta, a protagonista de *A brasileira de Prazins* (1882).

No entanto, esse brasileiro, inculto e enriquecido retornado que compra, com o seu dinheiro ganho no ultramar, terras, títulos

e mulheres, possui muitas variantes e metamorfoses no interior da produção do autor. Podemos encontrar desde criminosos, de que o melhor exemplo com certeza é António José Pinto Monteiro, o protagonista de *O cego de Landim* (1876), até personagens que utilizam a sua fortuna para vingar-se dos maus e ajudar os desafortunados, de que é um bom exemplo o Constantino de Abreu e Lima de *Vingança* (1858), ou para resgatar os bens hipotecados pelo seu pai natural, como ocorre com Álvaro Afonso da Granja, protagonista de *O filho natural* (1876). Em linhas gerais, sejam melhores ou piores, honestos ou malfeitores, o Brasil é, para esses personagens, um espaço de enriquecimento, único possível para uma grande classe de desprivilegiados, de filhos bastardos a pobres camponeses das províncias e aldeias, que não encontram saídas em seu próprio país. Dessa forma, na ficção camiliana, o Brasil está totalmente integrado ao universo econômico português, e, muitas vezes, é o dinheiro vindo dos trópicos que restaura arruinados palacetes no Porto ou em Lisboa.

Há ainda, na obra de Camilo, um conjunto de personagens que se deslocam para o Brasil por problemas das mais variadas ordens: para poder sair da prisão, como ocorre com o mestre-escola que fora amante de Paula, a “mulher que o mundo respeita” de *Coração, cabeça e estômago* (1862); ou para tentar esquecer um grande amor, como António de Queirós e Menezes, o pai de Maria Moisés. Também nesses casos o Brasil aparece como um espaço para resolver problemas, por mais que de outras esferas.

Existe ainda, na ficção camiliana, um pequeno número de brasileiros de nascimento. Não são personagens que possam ser agrupados por nenhuma característica específica. Assim o Carlos Pereira, de *A mulher fatal* (1870), a Ifigênia de *A queda dum anjo* (1866) e Ricarda, a mãe de Luís de Cunha e Faro de *A neta do arcediogo* (1856), não possuem nenhuma característica que os distinga de outros personagens camilianos.

Mas não é apenas através de personagens que o Brasil está presente. Várias cenas, em muitos de seus romances, ocorrem em nosso país. O Brasil camiliano, assim como os personagens que

aquí nasceram, não possui nenhum traço distintivo. As cenas brasileiras de *Carlota Ângela* (1858), *As três irmãs* (1862) ou do já referido *Os brilhantes do brasileiro*, por exemplo, não possuem praticamente nenhuma característica que as distingam das que se passam em território português. Poder-se-ia pensar tratar-se de manifestação de uma tendência geral da ficção camiliana – a de não descrever em detalhes regiões que não conhece – mas no caso das cenas brasileiras devemos a isso somar um propósito de não construir uma imagem bucólica ou exótica de nosso país. Pelo menos é que pode ser deduzido do trecho de *O cego de Landim* em que o narrador ironiza as *cenar de amor brasileiro, mórbidas e sonolentas, como tão languidamente as derrete o Sr. José de Alencar*, e descreve as cenas exóticas que poderia fazer, mas que não fará. De fato podemos supor que o Brasil camiliano, espaço totalmente integrado a seu mundo ficcional, era concreto demais para que ele pudesse construir uma imagem idílica de nosso país. Trata-se de um espaço que é quase uma continuação de Portugal, muito mais presente que qualquer outro país estrangeiro.

Se somarmos a isso, entre outros aspectos, a troca de correspondência que manteve com vários brasileiros ou portugueses residentes no Brasil, (do Imperador Pedro II a Faustino Xavier de Novais, para apenas citarmos dois exemplos), e a existência de várias polêmicas camilianas de que participaram brasileiros – entre as quais devemos destacar a decorrente da publicação do *Cancioneiro alegre*, em que teve lugar de destaque o brasileiro Carlos de Laet –, podemos notar que o Brasil possui uma múltipla presença na obra de Camilo Castelo Branco, presença que, até hoje, possui ângulos pouco estudados pelos quais mereceria ser melhor explorada.

Bibliografia ativa

Todas as obras referidas neste verbete, e outras em que o Brasil está presente, podem ser encontradas em CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas*. Porto: Lello & Irmão, 1982-1994, 17 vol.

Bibliografia passiva (alguns títulos)

- CABRAL, Alexandre. O “brasileiro” na novelística camiliana – delineamento para um estudo. MOURÃO-FERREIRA, David et alli. *Afecto às letras*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.
- CASTELO BRANCO, Paula Isabel. Espaço ou espaços do Brasil na novela camiliana. *Vária Escrita*, Sintra, n.6, p.45-59, 1999.
- CÊSAR, Guilhermino. O “brasileiro” na ficção portuguesa: o direito e o avesso de uma personagem-tipo. Porto: Lello & Irmão, 1964.
- COSTA, Othon. *Camilo Castelo Branco e o Brasil*. Rio de Janeiro: Continental, 1956.
- JESUS, Maria Saraiva de. Do “mineiro” do século XVIII ao “brasileiro” do século XIX. *Revista da Universidade de Aveiro Letras*, Aveiro, n.16, p. 77-97, 1999.
- _____. Imagens da emigração na literatura portuguesa. *Revista da Universidade de Aveiro Letras*, Aveiro, n.12, p. 97-135, 1995.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. Nótulas acerca do Brasil em dois romances camilianos. *Estudos Portugueses e Africanos*, Campinas, n.33-34, p.99-111, 1999.
- _____. Peles americanas em corpo europeu: o Brasil na literatura portuguesa oitocentista. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 364-376, 2002.